



Luvas do século XVIII

Usadas pelo duque de Dorset na coroação de Jorge IV, têm um ligeiro cheiro a couro, mas são difíceis de analisar porque foram lavadas para conservação

Livros antigos

Baunilha, maçapão e relva são alguns dos cheiros encontrados na biblioteca da Catedral de São Paulo, em Londres

HISTÓRIA. JÁ SE PODE PRESERVAR OS AROMAS DE QUE MAIS SE GOSTA

O PASSADO CHEIRA A BAUNILHA E A PÃO

A investigadora Cecilia Bembibre está a catalogar os odores mais antigos do Reino Unido. E até vai estudar a cama de um Rei. Por **Dina Arsénio**

Vinagre, amêndoas, canela, baunilha, pão e relva. Um livro do século XIX cheira a tudo isto. Extrair estes odores é uma tarefa difícil que termina com uma espécie de electrocardiograma do passado. Cecilia Bembibre, investigadora argentina do Institute of Sustainable Heritage, da University College de Londres, dedica-se a preservar aromas. Fechada na maior casa de campo inglesa, a Knole House, em Kent, procura os compostos orgânicos voláteis – o cheiro – de objectos tão diferentes como livros ou luvas. O objectivo é reproduzi-los para que o público saiba como era entrar numa casa do século XV.

De luvas de borracha e bata branca, Cecilia é uma visão estranha numa das 360 divisões da Knole House. Rodeada por pinturas barrocas, a investigadora começa por colocar os livros dentro de uma redoma de vidro desinfectada. Depois abre uma pequena válvula e insere uma fibra de carbono que absorve cada um dos componentes químicos. Outro método é usar uma esponja de carbono para ab-



Cecilia Bembibre

estudou comunicação e o seu doutoramento é o projecto Smell of Heritage (o cheiro da herança)

DEPOIS DE TODOS OS ALERTAS DA SAÚDE, O CHEIRO DO TABACO É HOJE MENOS TOLERÁVEL

Na Knole House, em Kent, vive a mesma família desde o século XV

Factos desconhecidos

O olfacto das mulheres é mais forte que o dos homens

As pessoas conseguem lembrar-se dos cheiros com **65%** de precisão um ano depois dos acontecimentos.

O nariz pode identificar **um bilião** de odores, revelou o estudo da Universidade Rockefeller.

O seu olfacto aborrece-se facilmente, ou seja, entra numa **padaria** e sente o cheiro, quando sai já nem nota.



sorver os cheiros circundantes.

Em seguida, identifica os elementos químicos numa máquina que ela descreve como um “grande nariz” – criada para a sua equipa, através de uma parceria com a empresa Odournet – e faz uma cromatografia gasosa (técnica que separa as moléculas). É assim que sabemos que se entrássemos na Knole House, no século XVIII, sentiríamos uma “mistura de ervas secas, flores, especiarias e notas de rosa, canela e alecrim”, explica Cecilia à SÁBADO. Mas o maior desafio será analisar o quarto Venetian Ambassador (embaixador veneziano) com uma cama mandada fazer para o Rei Jaime II. Será que vai descobrir a que cheiravam os Reis?

O que muda com o tempo

Depois de estudarem a Knole House, onde vive a mesma família desde o século XV, Cecilia e a sua equipa seguiram para a biblioteca da Catedral de São Paulo, em Londres, e depois vão para o castelo de Lindisfarne, em Inglaterra. A cientista quer humanizar a História com o seu trabalho, mas alerta que a interpretação dos cheiros muda com o tempo. O que nos parece desagradável hoje, não o era há umas décadas. “O que descrevemos como odor a podre é muito diferente da altura em que não existiam frigoríficos, e era um odor mais comum. Outro exemplo é a tolerância ao tabaco. Depois de todos os alertas de saúde, agora é menos tolerável do que há 60 anos.”

Com **Vanda Marques**